

GÊNERO E ECONOMIA SOLIDÁRIA NA FEIRA DA DIVERSIDADE DO SERIDÓ (CAICÓ/RN)

Ana Lorena Bezerra dos Santos¹; Leandro Vieira Cavalcante²

1. Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó. E-mail: ana.lorena.095@ufrn.edu.br
2. Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó. E-mail: leandro.cavalcante@ufrn.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a participação das mulheres agricultoras na Feira da Diversidade do Seridó, realizada semanalmente em Caicó (RN), destacando as práticas de economia solidária. Foram realizadas 18 entrevistas com as mulheres que comercializam na feira e 3 entrevistas com diretoras da Associação de Mulheres da Feira da Diversidade do Seridó (AMFDS). Os questionamentos buscaram analisar a caracterização do perfil dessas mulheres, suas práticas de produção e comercialização e seus entendimentos acerca da economia solidária, bem como os desafios por elas enfrentados. Com a análise dos dados obtidos com as entrevistas, ficou evidente a importância da feira para as mulheres. Observou-se também que elas vivenciam práticas condizentes com os princípios da economia solidária, embora tendo dificuldades em sua compreensão. Com o estudo, pôde-se concluir que a economia solidária fortalece sobremaneira as perspectivas de autonomia financeira e de melhores condições de vida para as mulheres agricultoras inseridas na Feira da Diversidade do Seridó.

Palavras-chave: Economia solidária; Gênero; Agricultura familiar.

GENDER AND SOLIDARITY ECONOMY AT THE SERIDÓ DIVERSITY FAIR

Abstract

The objective of this work is to analyze the participation of peasant women in the Seridó Diversity Fair, held weekly in Caicó (Brazil), highlighting solidarity economy practices. 18 interviews were carried out with women who sell at the fair and 3 interviews with directors of the Women's Association of the Seridó Diversity Fair (AMFDS). The questions sought to analyze the characterization of these women, their production and marketing practices and their understanding of the solidarity economy, as well as the challenges they faced. With the analysis of the data obtained from the interviews, the importance of the fair for women became evident. It was also observed that they experience practices consistent with the principles of the solidarity economy, although they have difficulties in understanding them. With the study, it was possible to conclude that the solidarity economy greatly strengthens the prospects of financial autonomy and better living conditions for women included in the Seridó Diversity Fair.

Keywords: Solidarity economy; Gender; Family farming.

GÉNERO Y ECONOMÍA SOLIDARIA EN LA FERIA DE LA DIVERSIDAD DE SERIDÓ

Resumen

El objetivo de este trabajo es analizar la participación de mujeres campesinas en la Feria de la Diversidad de Seridó, realizada semanalmente en Caicó (Brasil), destacando prácticas de economía solidaria. Se realizaron 18 entrevistas a mujeres vendedoras de la feria y 3 entrevistas a directoras de la Asociación de Mujeres de la Feria de la Diversidad de Seridó (AMFDS). Las preguntas buscaron analizar la caracterización de estas mujeres, sus prácticas de producción y comercialización y su comprensión de la economía solidaria, así como los desafíos que enfrentaron. Con el análisis de los datos obtenidos de las entrevistas, se hizo evidente la importancia de la feria para la mujer. También se observó que experimentan prácticas coherentes con los principios de la economía solidaria, aunque tienen dificultades para comprenderlas. Con el estudio se pudo concluir que la economía solidaria fortalece

enormemente las perspectivas de autonomía financiera y mejores condiciones de vida de las mujeres campesinas incluidas en la Feria de la Diversidad de Seridó.

Palabras clave: Economía solidaria; Género; Agricultura familiar.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade em que o trabalho das mulheres ainda é mal remunerado e desvalorizado, agricultoras do Seridó Potiguar buscam sua independência financeira através da economia solidária. Segundo Rubim e Ney (2022), a economia solidária é um movimento que visa a igualdade, solidariedade e cooperação, reduzindo a competitividade gerada pelo capitalismo. O objetivo da economia solidária é a geração de trabalho com dignidade, renda e gestão de recursos humanos e naturais de forma independente visando reduzir as desigualdades a médio e longo prazo.

Nesse sentido, a economia solidária pode contribuir na constituição e no fortalecimento de grupos locais que visem melhorar a geração de renda através da colaboração, da coletividade e da solidariedade. Para Singer (2008, p. 290), “o trabalho é uma forma de aprender, de crescer, de amadurecer, e essas oportunidades a economia solidária oferece a todos, sem distinção”, de modo a evidenciar a solidariedade que é inerente à própria economia solidária.

Diante disso, evidenciamos como exemplo de ações de economia solidária, o trabalho realizado pelas mulheres agricultoras vinculadas à Associação de Mulheres da Feira da Diversidade do Seridó (AMFDS), ao comercializarem sua produção numa feira que contribui para a permanência das mulheres no campo com dignidade e, conseqüentemente, oferecendo alimentos para a população de forma saudável e solidária. Essa feira é realizada aos sábados, na rua Olegário Vale, no centro de Caicó (Rio Grande do Norte), tendo as mulheres como protagonistas pela sua concepção, organização e funcionamento.

A experiência dessas mulheres com a economia solidária na Feira da Diversidade do Seridó traz uma visibilidade para elas enquanto trabalhadoras rurais. Elas comercializam sua produção de forma solidária se preocupando umas com as outras, buscando o respeito entre elas, tomando as decisões acerca da organização da feira de forma coletiva, comprando produtos das companheiras e evitando vender os mesmos produtos para não gerar conflito. Essa forma de organização faz parte da economia solidária, como expõe Bonumá (2015, p. 39-40):

A Economia Solidária, assim concebida, propõe uma nova forma de organizar a produção, as relações de trabalho, as finanças, a comercialização, a distribuição e o consumo, se definindo como alternativa ao mercado capitalista, cuja lógica subordina os interesses dos trabalhadores, dos consumidores e dos cidadãos aos interesses do mercado e ao lucro de poucos. A Economia Solidária é considerada a atividade econômica e produtiva que visa a geração de trabalho e renda de forma associativa, cooperativa e autogestionária, buscando mais do que o lucro a sustentabilidade, a inclusão social, o desenvolvimento comunitário, o bem-estar e a dignidade humana, e a solidariedade.

Ao analisar a vivência em economia solidária é importante considerar que nesse tipo de economia, diferente do que acontece na economia capitalista, não existe a relação de patrão e empregado. Nesse movimento solidário, seja por meio de uma associação, cooperativa ou grupo, o indivíduo passa a ser trabalhador e gestor da ação, podendo opinar e tomar decisões

pensando no melhor para todos. Desta forma, as agricultoras vinculadas à AMFDS, associação responsável pela organização da feira, levam em consideração as opiniões de todas as associadas e feirantes, num movimento solidário de fortalecimento de vínculos e práticas.

Por esse motivo, é necessário avaliar a importância da economia solidária no fortalecimento da autonomia financeira das mulheres agricultoras da Feira da Diversidade do Seridó, discorrendo sobre as limitações enfrentadas com a produção dos bens comercializados, os desafios em transportar os produtos até a feira-livre, de ser mulher em um espaço de comercialização dominado por homens, entendendo a dinâmica de gestão e organização da feira e discutindo essa experiência enquanto política pública para visibilizar o trabalho das mulheres.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar a participação de mulheres agricultoras na Feira da Diversidade do Seridó, destacando sua importância e protagonismo neste meio de comercialização, tanto na prática da economia solidária, quanto na perspectiva da autonomia financeira e das relações de gênero na agricultura familiar que auxiliam as práticas das feirantes.

Portanto, a pesquisa contribui para mostrar o problema da invisibilidade do trabalho das agricultoras, apresentar a feira como um importante espaço para a comercialização dos produtos destas mulheres, evidenciar a troca de saberes e sabores com o público que frequenta a feira e responder ao questionamento: Como se dá a participação das mulheres da Feira da Diversidade do Seridó e quais práticas evidenciam o papel da economia solidária nesse processo?

METODOLOGIA

Para realização da pesquisa, optou-se pelo processo da implementação de algumas etapas que nortearam a sua construção, destacando-se a revisão bibliográfica e o trabalho de campo. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, analisando artigos científicos, livros, cartilhas, entre outras fontes. Essa revisão permitiu obter informações sobre economia solidária, feiras livres, agricultura familiar, questão de gênero, protagonismo feminino, patriarcado e luta das mulheres por sua autonomia financeira.

Já durante o trabalho de campo, foram realizadas entrevistas com as mulheres que comercializam na Feira da Diversidade do Seridó. As entrevistas foram conduzidas de forma individual e semiestruturada, permitindo que as participantes expressassem suas percepções e experiências a respeito da economia solidária, de sua produção, dos desafios e das limitações enfrentados. Com base nos objetivos da pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevista, que foi utilizado para conduzir entrevistas individuais. Essas entrevistas foram realizadas de forma presencial, permitindo uma interação direta com as participantes para obter respostas mais detalhadas. No total, 18 mulheres foram entrevistadas em novembro de 2023.

Com as entrevistas realizadas na Feira da Diversidade do Seridó, procurou-se identificar a caracterização das mulheres que comercializam na feira, o que elas produzem, a importância de praticar ações de economia solidária, os desafios e dificuldades enfrentados tanto no âmbito da feira quanto em suas comunidades, visando dar visibilidade ao trabalho desenvolvido por mulheres agricultoras que buscam autonomia financeira.

Uma segunda rodada de entrevistas foi realizada, por aplicativo de mensagem, com três mulheres que ocupam os cargos de presidenta, vice-presidenta e tesoureira na diretoria da

AMFDS, com intuito de fazer um levantamento sobre o histórico da feira e da associação para compreender como se deu o processo de concepção e implementação da feira.

Posteriormente, os dados foram compilados e analisados à luz dos princípios da economia solidária, num esforço de vinculação entre o debate teórico e os dados obtidos durante as entrevistas com as mulheres feirantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Economia solidária

Segundo Singer (2002), o capitalismo é dominante há tanto tempo que já nos acostumamos e o tornamos natural, esquecendo o quanto ele produz desigualdades e divergências. Para uma sociedade onde predomine a igualdade entre os membros se faz necessária uma economia solidária em vez de competitiva. Para o autor, a solidariedade na economia só é válida se tiver uma organização igualitária entre os que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar.

Estratégias em economia solidária existem desde os povos originários e foram substituídas pelo modelo capitalista de exploração para concentração de riqueza, como mostram Silva e Silva (2022, p. 56):

A economia solidária expressa um conjunto diverso de estratégias econômicas alternativas orientadas por racionalidades de cooperação, reciprocidade e autogestão que existem desde os povos originários e que foram subordinadas e substituídas por formas econômicas baseadas na máxima exploração da natureza e do trabalho humano como meio de acumulação e concentração de riqueza. São milhares de organizações associativas cooperativas que buscam influenciar o desenvolvimento comunitário por meio de sua própria organização autônoma, resultando em diversas iniciativas de financiamento solidário e redes de produção, comercialização e consumo justo e consciente.

Para Aleixo (2014), a economia solidária pode ser analisada enquanto uma economia alternativa, caracterizada como um conjunto de atividades econômicas das quais a lógica difere do mercado capitalista. Ao passo que a economia capitalista é concentrada na acumulação de riqueza, tendo como foco os interesses individualistas. A economia solidária, por sua vez, se baseia a partir de fatores humanos, aperfeiçoando as relações sociais através da solidariedade e adotando formas comunitárias de propriedade.

A economia solidária é uma estratégia de luta contra as desigualdades sociais e o desemprego. Segundo Singer (2002), a economia solidária utiliza a mudança nas relações de produção que acontece no grande capital para lançar os fundamentos de novas formas de organização da produção, se contrapondo ao modelo capitalista regente. A economia solidária traz esperança para quem aguarda por uma oportunidade de se restabelecer organizando sua produção e trabalhando coletivamente.

Santos (2009) defende a economia solidária enquanto modo de organizar a vida econômica, social e política de uma sociedade valorizando o ser humano e suas relações sociais, considerando a sustentabilidade ambiental, igualdade, justiça de gênero e raça. Nesse sentido,

Pereira (2013, p. 11) discorre sobre a economia solidária, relação de trabalho e como ela transforma a sociedade:

A economia solidária está ligada à relação entre o trabalhador e os meios de produção baseado em desenvolvimento local, com tendência de aumento de rendimento de trabalho como processo de mobilização de pessoas e instituições que buscam a transformação da economia e da sociedade, criando oportunidades de trabalho e renda, superando dificuldades, favorecendo melhoria das condições de vida da população local, implementando assim soluções de gestão coletiva e democrática.

Para Pitaguari *et al.* (2014), o surgimento das primeiras experiências em economia solidária no Brasil teve início na década de 1980, em resposta ao crescimento do desemprego acarretado pela crise das operações inflacionárias daquele período. A Cáritas Brasileira, entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), esteve presente neste processo de desenvolvimento da economia solidária no país. Acerca disso, Singer (2002, p. 122) assegura que ainda nos anos 1980, a Cáritas financiou milhares de pequenos projetos denominados Projetos Alternativos Comunitários (PACS), os quais estavam “destinados a gerar trabalho e renda de forma associada para moradores das periferias pobres de nossas metrópoles e da zona rural das diferentes regiões do país”.

Nesse movimento, surgiram políticas públicas voltadas para o fortalecimento da economia solidária. Segundo Pereira (2013), o poder público precisa ter um olhar para os empreendimentos de economia solidária, priorizando ações de combate à miséria, destinando políticas públicas de apoio às associações, cooperativas e quaisquer organizações que possam surgir a partir da coletividade e da união. No Brasil, esse processo é recente, remetendo aos anos 2000 com a ascensão do Governo Lula, conforme destaca Costa (2011), através da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) em 2003.

Existem várias formas de empreendimentos no segmento solidário. Segundo Pereira (2013), são eles: associações populares; cooperativas; grupos informais de produção de serviços de consumo, de comercialização e de crédito solidário, no âmbito rural e urbano; fundos solidários e rotativos de crédito; agricultores familiares organizados de forma jurídica e, também, na informalidade. Tais segmentos se fundamentam nos princípios e valores da autogestão em sua organização interna e de serem unidades familiares com caráter de atividade econômica.

Na economia solidária existe um conjunto de princípios que garante sua identidade. Esses princípios foram sistematizados por Singer e Souza (2000, p. 13): a) Posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que os usam para produzir; b) Gestão democrática da empresa ou por participação direta ou por representação, dependendo do número de cooperados; c) Repartição da receita líquida entre os cooperados, conforme decisão em assembleia; d) Destinação do excedente anual, segundo critérios acertados entre todos; e) A cota básica do capital de cada cooperado não é remunerada; f) Somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

Leal e Rodrigues (2018) destacam como princípios da economia solidária a solidariedade, a autogestão, a cooperação e a democracia. A solidariedade pautada na igualdade e reciprocidade pela necessidade de organização para produzir; a autogestão como modelo de

gestão coletiva e igualitária; a cooperação diz respeito ao modo como se dão as interações sociais; e a democracia como modo de produção que dialoga com o social e o político tendo a primazia com os valores da igualdade e valorização do ser humano.

Segundo Oliveira e Lima (2017), a economia solidária, as feiras livres e a agricultura familiar formam um tripé. As feiras podem ser entendidas enquanto um local de características econômicas e sociais, próximas das relações típicas da economia solidária, historicamente favoráveis ao comércio de mercadorias da agricultura familiar, que ganham força à medida que são incorporadas às práticas da economia solidária.

Nesse contexto, para Silva (2019), a economia solidária é uma forte aliada na organização econômica da agricultura familiar, potencializando os modos de produção, comercialização e agregando valor aos produtos. Todavia, ainda há a necessidade de políticas públicas para o fortalecimento desse mercado, aumentando a assistência e fomento aos agricultores e suas famílias.

Gênero e economia solidária

Segundo Santos (2009), os empreendimentos em economia solidária devem buscar meios de gestão e de funcionamento eficazes a fim de oferecer alternativas ao formato existente do mercado de trabalho que explora as mulheres. Para além disso, ofertar uma estrutura econômica que as liberte do patriarcado, do racismo e da exploração de um trabalho mal remunerado. Nesse processo de experimentação, toda iniciativa é muito importante para que a opressão contra as mulheres seja eliminada do sistema econômico.

Ainda de acordo com Santos (2009), existe uma grande participação e contribuição das mulheres nas experiências de economia solidária, mas o debate sobre a temática relacionada a gênero, mulheres e economia solidária é insuficiente. Mendonça, Filipe e Lira (2010, p. 63) defendem que a “economia solidária tem demonstrado ter a capacidade de suprir várias lacunas ainda existentes em relação à participação da mulher na economia”.

Conforme assegura Nobre (2003), a participação das mulheres na economia solidária iniciou-se a partir da compreensão da invisibilidade, da marginalização e do não reconhecimento do protagonismo das mesmas. Segundo a autora, quando as experiências e o trabalho das mulheres são reconhecidos isso as fortalece:

A visibilidade das experiências de mulheres cria referências positivas, as fortalece como sujeitos e contribui para problematizar as iniciativas do ponto de vista de gênero. [...] Perceber como organizam o trabalho, como ocorre a gestão, como articulam vida profissional e doméstica, e se existem variações tratando-se de mulheres ou homens. Um outro aspecto é tomar consciência das representações sexuais sobre a economia solidária. Uma delas é de que a economia solidária é muito próxima do trabalho comunitário, território das mulheres, e, portanto seria vivida de forma negativa pelos homens (NOBRE, 2003, p. 206).

Para Abreu e Oliveira (2020), a presença das mulheres na economia solidária é muito significativa, pois elas expõem suas inquietações e reflexões referentes às desigualdades de gênero existentes na sociedade. Na maioria das vezes, essas desigualdades acabam sendo

reproduzidas dentro dos próprios Empreendimentos de Economia Solidária (EES), como também nos movimentos de economia solidária (Costa, 2011).

A economia solidária tem muitos desafios. Faria (2011) assegura que um desses desafios é a capacidade de inserir em seus princípios e pilares o compromisso e a indagação da divisão sexual do trabalho e o reconhecimento do trabalho doméstico, bem como a produção da vida. Para além desse reconhecimento, existe ainda o desafio de tornar o trabalho doméstico uma responsabilidade coletiva e não uma atribuição somente das mulheres.

De acordo com Oliveira (2004), a mão de obra feminina sempre fez parte do mercado de trabalho, mas a organização da sociedade por muito tempo tem colocado as mulheres como responsáveis pelo cuidado da casa, dos filhos, do privado, caracterizando-se a árdua dupla jornada para elas.

Segundo Pereira (2013), enquanto a economia solidária busca alternativas para a falta de emprego e melhoria na qualidade da vida dos que escolhem viver dela, os movimentos feministas conquistaram espaço para lutar pela questão de gênero nas esferas intergovernamentais e para discutir ações de políticas públicas para as mulheres no mundo. Vale salientar que a elaboração destas políticas para as mulheres depende do compromisso do Estado de tomar para si as questões de gênero.

Mesmo com várias conquistas das mulheres pelo mundo, no Brasil e em outros países existem desafios para a garantia dos direitos de todas as mulheres. Apesar das dificuldades, Miranda (2015) assegura que o governo brasileiro, embora com limitações, tem incentivado as instâncias federais a trabalharem juntas para incorporar a diversidade, inclusive a perspectiva de gênero, em todas as políticas, programas e serviços.

Apesar desses esforços, as mulheres enfrentam dificuldades nas relações de trabalho, tendo que conviver com inúmeras problemáticas, como relata Pereira (2013, p. 18):

Elas são, na maioria das vezes, as maiores vítimas do desemprego, e quando estão empregadas são submetidas ao trabalho doméstico ou às mais variadas formas de trabalhos, que são caracterizados como precários, pois além de não conferir a elas os direitos constitucionalmente garantidos, ainda não promovem a emancipação e o reconhecimento.

Para Pereira (2013), os empreendimentos solidários surgem como uma oportunidade de trabalho e possibilidade de geração de renda, além de que estão ancorados na organização social, promovendo cidadania e inclusão social sobretudo das mulheres. Proporcionam, por sua característica autogestionária, novas relações e convivências entre as pessoas, tornando-se um campo de produção da luta por reconhecimento social

As iniciativas em economia solidária surgem como possibilidades de socializar a produção e de incentivar projetos com sustentabilidade considerando todas as dimensões da vida de forma articulada, segundo Oliveira (2004). Assim, as perspectivas dessa economia facilitam o enfrentamento das trabalhadoras ao modo de produção capitalista com sua exploração e exclusão de maneira organizada, participando do processo de produção, gerenciando o trabalho e usufruindo dos seus resultados.

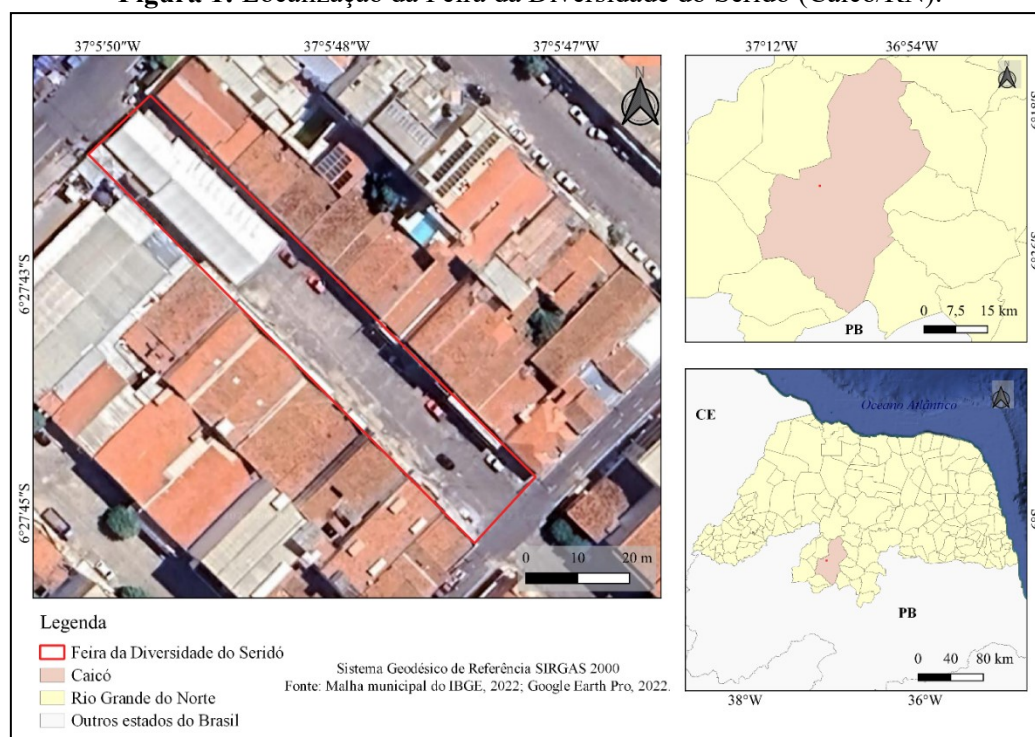
Diante do exposto, é possível compreender a economia solidária como um processo que vem a potencializar a agricultura familiar, particularmente o trabalho das mulheres agricultoras organizadas em grupos, cooperativas ou associações, como observado na Feira da Diversidade do Seridó, a qual será apresentada na sequência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Histórico da Feira da Diversidade do Seridó

A Feira da Diversidade do Seridó é uma feira com produtos oriundos da agricultura familiar. É, também, um espaço pensado e organizado, para além da comercialização dos produtos do campo, para ser um lugar de reconhecimento do trabalho das mulheres agricultoras a partir de práticas pautadas na economia solidária. A feira funciona aos sábados, na rua Olegário Vale, centro de Caicó (RN). No mapa seguinte (Figura 1) podemos observar a localização da feira. Com início às 03h00 da manhã, a feira se estende até por volta de 10h00 ou enquanto houver produtos para comercializar.

Figura 1: Localização da Feira da Diversidade do Seridó (Caicó/RN).



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O projeto da Feira da Diversidade do Seridó teve início em 2013. Tratou-se de uma luta das mulheres que integravam a Câmara Temática de Mulheres no âmbito do Território da Cidadania do Seridó. Os Territórios da Cidadania foram estratégias adotadas pelo Governo Federal para promoção do desenvolvimento regional, implementados nas regiões mais necessitadas do país, de forma sustentável e garantindo os direitos sociais com a participação da sociedade. A Câmara Temática de Mulheres, em 2013, era coordenada por Ana Aline Morais que, neste mesmo ano, estava presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Agricultores e

Agricultoras Familiares (STTR) de Caicó; tal câmara era composta por mulheres dos movimentos sociais, dos sindicatos rurais e instituições da igreja católica.

O articulador do Território da Cidadania do Seridó (TCS), o senhor Inácio Dantas de Araújo, incentivava as mulheres a comercializarem seus produtos nos eventos organizados pelo TCS e também adquiria alguns produtos para os cafés servidos nesses eventos. A partir desse contexto, surgiu a necessidade de organizar a produção das mulheres do campo, primeiro com um núcleo de mulheres ligadas à Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares do Seridó (COAFS) e logo após com a articulação acerca do projeto da Feira da Mulher.

A primeira proposta foi realizar uma feira da agricultura familiar. Nesse momento, a diretoria do STTR Caicó realizou um levantamento de dados fazendo uma pesquisa na feira-livre já realizada na cidade para identificar quem e quantos eram os agricultores que vendiam seus produtos na feira. Depois deste levantamento, chegou-se à conclusão que era mais viável uma feira voltada especificamente às mulheres, porque o governo estava priorizando projetos voltados ao público feminino e seria uma forma de dar visibilidade ao trabalho das mulheres.

Uma das exigências do projeto era que as mulheres estivessem organizadas em uma associação. Assim nasce a Associação de Mulheres da Feira da Diversidade do Seridó (AMFDS), como resultado da reestruturação da Associação da Idosa de Santana fundada em 1991; como seus associados não queriam continuar com a responsabilidade de mantê-la, com a orientação da Cáritas Diocesana de Caicó, foi realizada uma alteração estatutária e de denominação da razão social, passando a ser AMFDS. Infere-se, todavia, que a associação não possui sede própria, funcionando dentro do STTR de Caicó.

Com o projeto aprovado no TCS, o mesmo foi encaminhado para o Governo Federal por meio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), que também deu parecer favorável. O passo seguinte foi encontrar um proponente para receber o recurso e executar o projeto da feira. Optou-se pela Prefeitura Municipal de Caicó, que na época estava no cargo de prefeito o senhor Roberto Medeiros Germano, o qual aceitou colaborar com o projeto e iniciou os trâmites legais para a sua execução. O valor total do projeto foi de R\$ 424.864,00, tendo a Prefeitura de Caicó entrado com uma contrapartida de R\$ 16.994,56. O projeto contou com aquisição de equipamentos, tais como: 83 bancas padronizadas, fardamentos, balanças eletrônicas, 5 carrinhos de mão, 2 veículos de carga 0km e 1 caminhão tipo baú.

Ao longo de oito anos, o projeto foi conduzido pelo poder público municipal, que não liberava o espaço para que as bancas pudessem ser montadas e a feira ser inaugurada. Durante esses oito anos, os equipamentos da feira foram adquiridos, ao passo que, com a demora na inauguração da feira, muitos desses equipamentos foram furtados. Em 2018, em uma reunião da AMFDS com o secretário Júlio César, titular da Secretaria de Agricultura de Caicó, o mesmo encaminhou os equipamentos do projeto da feira para que pudessem ser guardados no STTR, sendo um meio encontrado para resguardar os equipamentos sem maiores prejuízos.

Enquanto esperavam o poder público municipal liberar o projeto da feira, as mulheres continuavam realizando inúmeras reuniões para orientar como seria o funcionamento e a organização da feira. De acordo com a diretoria da AMFDS, por nós entrevistada, houve muita resistência por parte dos homens que não queriam aceitar as mulheres como responsáveis pelos equipamentos da feira e que a associação seria só de mulheres, mesmo eles podendo

comercializar junto de suas companheiras por serem do mesmo grupo familiar. A resistência foi ainda maior por aqueles homens que já vendiam na feira-livre de Caicó, revelando um forte machismo ainda muito recorrente na região do Seridó.

Segundo a diretoria da AMFDS, a partir dos relatos obtidos, o projeto foi organizado “por mulheres que tiveram a coragem de lutar por ele, de enfrentar uma luta que não foi nada fácil; por mulheres que tinham o desejo de poder comercializar o fruto de seu trabalho”. Elas tiveram ainda que comprovar sua atividade na agricultura familiar por meio de documentação, como a Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP), pois o projeto era específico para as mulheres agricultoras, também sendo necessário se associar à AMFDS.

Depois de oito anos de tratativas, a feira foi finalmente inaugurada no dia 18 de setembro de 2021, em pleno período de Pandemia de Covid-19. Estiveram presentes nesta inauguração o poder público municipal e representantes da AMFDS, do STTR e da Federação dos Trabalhadores Agricultores e Agricultoras Familiares do Rio Grande do Norte (FETARN). Apesar de todo apoio das instituições e do poder público envolvidos neste processo, cabe ressaltar que “as mulheres foram as protagonistas desse projeto, pois lutaram arduamente para que tudo saísse do papel, para que o sonho se tornasse realidade”, como nos foi relatado.

Depois da feira inaugurada vislumbrou-se outra problemática, anteriormente não considerada. As lonas que cobriam as bancas não eram suficientes para deixar os produtos e as feirantes na sombra, que sofriam com a exposição ao sol e a perda de alguns produtos, por serem sensíveis a altas temperaturas, recorrentes em Caicó. Mais uma vez as mulheres da AMFDS se organizaram e, através do mandato da deputada estadual Isolda Dantas, foi conquistado uma emenda parlamentar no valor de 75 mil reais para a cobertura do espaço da Feira da Diversidade do Seridó (Figura 2). A cobertura do espaço foi inaugurada no dia 04 de março de 2022, tratando-se de um espaço de livre circulação totalmente coberto.

Figura 2: Cobertura da Feira da Diversidade do Seridó.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A feira funciona apenas aos sábados, mas as bancas são montadas no dia anterior, no final da tarde da sexta-feira. As bancas são padronizadas e estão organizadas em duas linhas, posicionadas lado a lado, que formam um corredor por onde passam os fregueses. Atualmente, são 35 bancas funcionando. As feirantes pagam uma taxa de 10 reais para que as bancas sejam montadas e depois desmontadas; esse pagamento não é obrigatório, cada uma pode montar e desmontar sua banca, mas é uma forma de facilitar seu trabalho, visto que precisam organizar a produção junto com outros afazeres. As bancas ficam guardadas dentro de um caminhão baú

para facilitar a logística de transporte, pois muitas mulheres não teriam como levar as bancas para casa e trazer todos os sábados.

Caracterização das mulheres entrevistadas na feira

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistadas 18 mulheres, o que corresponde a 55% das feirantes. Ao analisar os dados que envolvem idade, local de origem e desde quando comercializam na Feira da Diversidade do Seridó, foi possível identificar que a maioria destas mulheres tem mais de 40 anos de idade, sendo sete mulheres já idosas, ou seja, há pouca participação das mulheres do campo que estão na faixa etária da juventude. As feirantes são, em sua maioria, do município de Caicó, havendo também uma do município de São João do Sabugi e outra de Cruzeta. Das 18 entrevistadas, 16 estão na Feira da Diversidade do Seridó desde a sua inauguração em 2021, sendo que apenas duas começaram no início de 2023. No Quadro 1 é possível observar esses dados.

Quadro 1: Caracterização das mulheres entrevistadas na feira.

Entrevistadas	Idade	Comunidade e município	Desde quando comercializa na feira?
Agricultora 1	46 anos	Sobradinho - Caicó	2021
Agricultora 2	60 anos	Barbosa de Cima - Caicó	2021
Agricultora 3	64 anos	Manhoso - Caicó	2021
Agricultora 4	66 anos	Várzea Alegre - Caicó	2021
Agricultora 5	48 anos	Umari - Cruzeta	2021
Agricultora 6	51 anos	Açudinho - Caicó	2023
Agricultora 7	41 anos	Campo Grande – São J. do Sabugi	2021
Agricultora 8	50 anos	Barra da Espingarda - Caicó	2023
Agricultora 9	58 anos	Barra da Espingarda - Caicó	2021
Agricultora 10	29 anos	Barra da Espingarda - Caicó	2021
Agricultora 11	54 anos	Nova Caicó - Caicó	2021
Agricultora 12	47 anos	Sítio Retiro - Caicó	2021
Agricultora 13	39 anos	Sítio Carrapateira - Caicó	2021
Agricultora 14	70 anos	Riacho da Serra - Caicó	2021
Agricultora 15	75 anos	Nova Olinda - Caicó	2021
Agricultora 16	66 anos	Sobradinho - Caicó	2021
Agricultora 17	60 anos	Sobradinho - Caicó	2021
Agricultora 18	35 anos	Barra da Espingarda - Caicó	2021

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Nas fotos inseridas na sequência podemos observar a disposição das mulheres na feira, diante de sua banca (Figura 3) – os registros foram realizados com a autorização das mesmas. Essas mulheres, cujas bancas estão registradas em seus nomes, tornaram-se responsáveis legais por seus equipamentos de trabalho. As bancas utilizadas são de aço, estruturas desmontáveis com uma cobertura verde e letreiro escrito “Agricultura Familiar”. As agricultoras utilizam toalhas estampadas para cobrir a parte onde ficam os produtos por acreditarem ficar mais bonito e organizado. A maioria delas utiliza fardamento para ajudar na identificação da origem dos produtos, como também é possível observar a participação dos membros da família ajudando na comercialização.

Figura 3: Mulheres na feira, diante de suas bancas.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Produtos cultivados e comercializados pelas mulheres

A diversidade dos produtos ofertados na feira é fruto do trabalho das mulheres e dos homens do campo. Todos os produtos comercializados na feira advêm da agricultura familiar de Caicó e municípios próximos, eliminando a figura dos atravessadores e de demais intermediários. Na maioria dos casos, os produtos são cultivados pela família na propriedade em que reside; em outros casos, é a própria mulher quem produz sozinha. A produção depende da estação do ano, com significativas limitações de água para os cultivos, o que implica na oferta e disponibilidade dos produtos comercializados na feira.

Conforme os dados tabulados, considerando as informações expostas no Quadro 2, produtos como feijão e milho são mais produzidos no período chuvoso da região (primeiro semestre do ano). Existe uma boa quantidade de produtos de origem animal, como carnes, leite, nata, queijos e ovos, além de uma grande diversidade de frutas, legumes e verduras, que também depende do período de safra. Lanches, doces e bolos são frequentemente produzidos e comercializados pelas mulheres. Algumas delas ainda trazem os produtos de seus vizinhos dos sítios para vender na feira. Percebe-se, diante dos dados, que a maioria dos produtos comercializados são cultivados e preparados pelas próprias mulheres e suas famílias.

Quadro 2: Produtos cultivados e comercializados pelas mulheres.

Entrevistadas	O que produz?	O que vende?
Agricultora 1	Produz tudo o que vende.	Leite, limão, batata, acerola, feijão (no período chuvoso), ovos e galinha caipira.
Agricultora 2	Produz tudo o que vende.	Queijo, doce, ovos e galinha caipira.
Agricultora 3	Manga, acerola, molho de pimenta, lambedor e leite. No período chuvoso, planta feijão e milho.	Manga, acerola, molho de pimenta, lambedor e leite.
Agricultora 4	Banana, ovos, doce, galinha caipira, filhós, manteiga, queijo, bolo. No período chuvoso, planta feijão e milho.	Banana, ovos, doce, galinha caipira, filhós, manteiga, queijo, bolo, pamonha e canjica quando tem milho.
Agricultora 5	Feijão, coentro, acerola, couve, manga, limão, pimentão, pimenta de cheiro, quiabo, maxixe e polpa de graviola, acerola e cajarana.	Feijão, coentro, acerola, couve, manga, goma (compra para revender), limão, pimentão, pimenta de cheiro, quiabo, maxixe e polpa de graviola, acerola e cajarana.
Agricultora 6	Doce, filhós, tamarindo, bolo e galinha caipira e feijão no período chuvoso.	Doce, filhós, tamarindo e galinha caipira.
Agricultora 7	Feijão, queijo, manteiga, filhós, cocada, limão, bolacha de leite e bolo. No período chuvoso, produz melancia e milho.	Feijão, queijo, manteiga, filhós, cocada, limão, bolacha de leite e bolo.
Agricultora 8	Acerola, mamão, feijão, melancia, milho e jerimum, a depender das chuvas.	Bolo, raiva, biscoito caseiro, doce, acerola e mamão.
Agricultora 9	Queijos, ovos e doce e no período chuvoso, melancia, milho e feijão.	Queijo, ovos e doce.
Agricultora 10	Além de produzir os salgados, cria galinha caipira, porco e ovelha.	Pastéis, coxinha, ovos caipira, suco e galinha caipira.
Agricultora 11	Cocada, bolacha de leite e nata.	Bolacha de leite, castanha, manteiga, cocada, goma (compra para revender), nata e mel.
Agricultora 12	Queijo de coalho, ovos “que trago das minhas galinhas”, doces com frutas que estão na safra que têm no sítio.	Queijo de coalho, bolo de grude, broa, bolo de leite doce de caju, doce de leite, feijão, ovos, graviola, manga e acerola. Vende também a produção dos vizinhos.
Agricultora 13	Produz tudo o que vende.	Linguiça de porco, toucinho, carne e costela de porco, carneiro, bode, panelada, buchada, banha de porco, mocotó de porco e manteiga da terra.
Agricultora 14	Galinha caipira, queijos, ovos e manteiga.	Manteiga da terra, ovo caipira, queijo coalho, queijo manteiga, goma (compra para revender), tomate, limão e galinha caipira.
Agricultora 15	Bolo de leite, bolo de macaxeira, batata, bolo de ovos, café, queijo coalho, leite,	Bolo de leite, bolo de macaxeira, batata, bolo de ovos, café, queijo

	manteiga, bolacha de leite, ovos, galinha caipira, feijão verde, milho verde, acerola e limão.	coalho, leite, manteiga, goma (compra para revender), bolacha de leite, ovos, galinha caipira, feijão verde, milho verde, acerola e limão.
Agricultora 16	Produce tudo o que vende, mas pega as produções dos vizinhos de sítio para vender também.	Coco, tamarindo, couve, ovos, mamão, coentro, alface, pimentinha, mastruz, manteiga, limão, queijo, feijão verde, milho verde, melancia, jerimum, acerola, manga, capim santo e cidreira.
Agricultora 17	Produce tudo o que vende.	Melancia, berinjela, tomate, quiabo, cebolinha, coentro, couve, rúcula, mamão, manga, acerola, banana, leite, ovos, galinha, mel de abelha, limão, jerimum, feijão verde, milho verde, hortelã, mastruz, doce, batata e espinafre.
Agricultora 18	Produce tudo o que vende.	Bolo de ovos, bolo de chocolate, bolo de cenoura, bolo de grude, bolo de batata, bolo de leite, bolo da moça, bolo de macaxeira, bolacha de leite, bolacha preta e ovo caipira.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na Feira da Diversidade do Seridó é possível encontrar uma grande quantidade de produtos advindos da agricultura familiar, evidenciando o trabalho realizado pelas mulheres do campo (Figura 4). São frequentes produtos como feijão verde, batata, doces de vários sabores, leite, ovos, galinha caipira, carnes, mel, lambedor, chás, jerimum, castanha, bolos, pastéis, bolachas de leite, frutas, como manga, acerola, limão, graviola, mamão, tamarindo, banana, melancia, cajarana, hortaliças e etc. Por orientação da AMFDS, todas as bancas que comercializam produtos equivalentes devem praticar os mesmos preços para evitar conflitos.

Figura 4: Alguns dos produtos comercializados na feira.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Entendimento das mulheres sobre economia solidária

Questionou-se as mulheres entrevistadas acerca de seu entendimento sobre o que seria economia solidária e qual a sua importância. Identificou-se que 9 mulheres não souberam responder o significado nem a importância da economia solidária, enquanto outras 9 tentaram explicar com suas palavras o que acreditavam ser esse tipo de economia, como demonstrado no Quadro 3. Depois de uma conversa mais aprofundada durante a entrevista, foi possível identificar que mesmo não sabendo expressar o significado, essas mulheres praticam cotidianamente os princípios da economia solidária, já apresentados anteriormente.

Quadro 3: Entendimento das mulheres sobre economia solidária.

Entrevistadas	O que entende por economia solidária?	Qual a importância da economia solidária?
Agricultora 1	Não soube responder.	Não soube informar.
Agricultora 2	Não soube responder.	Não soube informar.
Agricultora 3	Não soube responder.	Não soube responder.
Agricultora 4	“Quando se ajuda outras pessoas.”	“Muito importante ajudar outras pessoas.”
Agricultora 5	“É a ajuda ao próximo.”	“É muito bom ajudar o próximo.”
Agricultora 6	Não soube informar.	Não soube informar.
Agricultora 7	Não soube responder.	Não soube informar.
Agricultora 8	“É quando produz e vende.”	“É importante ajudar uns aos outros.”
Agricultora 9	“A ajuda ao próximo.”	“É muito importante ajudar ao

		próximo.”
Agricultora 10	“Compartilhar e ajudar os colegas no ambiente de trabalho.”	“Muito importante ajudar o próximo.”
Agricultora 11	Não soube responder.	Não soube informar.
Agricultora 12	“É um tipo de comércio que a gente se ajuda entre si. Um comprando do outro pra ajudar. Um tipo de comércio entre nós mesmos. A gente associa o comércio com a solidariedade.”	“Porque ela valoriza, além de valorizar a nossa produção ela cria laços, a gente fica conhecida, se torna uma família. Melhora a nossa estima, porque a gente vê nossa produção sendo valorizada.”
Agricultora 13	“Agora me pegou, sei nem o que dizer, pode me dar uma dica?”	“Mostra a importância da solidariedade, porque a gente se ajuda. Isso é muito bom.”
Agricultora 14	“Não sei o que significa.”	“É pra valorizar o povo.”
Agricultora 15	“Nunca ouvi falar, só ouvi o nome.”	Não soube informar.
Agricultora 16	“É eu produzindo e comercializando as minhas coisas, é uma produção de qualidade e sem veneno.”	Não soube informar.
Agricultora 17	“Você produz e vende, é como se fosse uma atividade de uma vida inteira.”	“É só benefício. Por deixar a gente empoderada de tá vendendo a própria produção.”
Agricultora 18	“É ter a partilha entre os participantes, é ter o sentimento de coletivo.” “É ter uma troca, além da comercialização, ter encontros. O que sobra de uma e outra a gente troca.”	“A questão da autonomia para as mulheres, além da solidariedade, é autonomia. As mulheres se fortalecendo umas com as outras.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Ficou evidente que elas se ajudam entre si, em especial as que trabalham lado a lado; se ajudam no processo de instalar as lonas nas bancas, organizando os produtos e trocando mercadorias. Foi possível observar movimentos solidários e de reciprocidade, como o empréstimo de materiais (copo descartável, água, sacolas, etc) e a troca de notas grandes para passar troco ao freguês. Há também aquelas que levam os produtos dos vizinhos para vender e ajudar aos que não podem estar na feira. Existem aquelas que fazem doação dos produtos que não conseguem vender, doando para instituições de caridade, para pedintes e até mesmo para as próprias mulheres que participam da feira.

Nota-se, desse modo, que é na vivência em economia solidária que o trabalho dessas mulheres é valorizado, pois elas criam laços de amizade, trocam saberes e se empoderam por estarem comercializando sua produção, uma vez que antes muitas delas repassavam seus produtos para atravessadores, que pagavam um preço abaixo do mercado. Há também aquelas que já vendiam na feira-livre de Caicó, disputando espaço com atravessadores e sem ter uma caracterização diferenciada enquanto agricultora familiar.

As mulheres que demonstraram compreender o que é economia solidária enfatizaram que isso estaria pautado na ajuda ao próximo, no compartilhamento dos equipamentos no ambiente de trabalho e na organização de uma produção de qualidade para oferecer aos clientes.

Demonstram em suas falas a importância de ajudar as outras pessoas de forma solidária, como notado no relato da agricultora 18, que disse: “É ter a partilha entre os participantes, é ter o sentimento de coletivo. “É ter uma troca, além da comercialização, ter encontros. O que sobra de uma e outra a gente troca”. Outra mulher relatou que: “Mostra a importância da solidariedade, porque a gente se ajuda. Isso é muito bom”.

No tocante à formação das mulheres sobre economia solidária, apenas uma das entrevistadas já havia participado de alguma formação sobre o assunto, visto que as outras 17 nunca participaram de formação e não tinham conhecimento prévio antes do projeto da feira. As mulheres também relataram que a Associação de Mulheres da Feira da Diversidade do Seridó nunca realizou nenhum tipo de formação sobre economia solidária. Isso mostra que a AMFDS ainda tem muito trabalho a ser feito e precisa urgentemente promover formações para suas associadas, pois quanto mais conhecimento essas mulheres tiverem, mais empoderadas estarão nesta luta por uma autonomia financeira.

Contribuição da feira para as mulheres e suas famílias

Conforme os dados dispostos no Quadro 4, a importância da feira na renda da família teve 100% de influência, confirmada pelas agricultoras em suas respostas. Todas elas destinam a renda adquirida com a venda dos produtos para os gastos da casa e da família. As mulheres evidenciaram ainda o fato de conseguirem um valor melhor pelos produtos diferente de quando entregavam para os atravessadores que pagavam um preço irrisório. Também expuseram ser uma forma das mulheres terem acesso ao dinheiro da sua produção, que antes ficava nas mãos de seus companheiros e elas tinham que pedir para eles quando precisavam comprar ou pagar algo. Diante dos dados, evidencia-se a importância da feira na renda das famílias, protagonizando o papel das mulheres para prover a renda familiar.

Quadro 4: A importância da feira na renda da família.

Entrevistadas	Qual a importância da feira na renda da família?
Agricultora 1	“Ajuda na renda da família e na venda dos produtos para não se perder lá no sítio.”
Agricultora 2	“Muito importante essa venda na feira, já me ajudou muito com a renda da minha família.”
Agricultora 3	“É minha terapia, eu adoro. Ajuda demais nas contas de casa.”
Agricultora 4	“Muito importante, ajuda na economia da casa.”
Agricultora 5	“Para mim é muito importante, criei meus filhos vendendo em feira e daqui tiro o sustento da casa.”
Agricultora 6	“Muito importante vir vender na feira, consigo uma rendazinha para ajudar em casa.”
Agricultora 7	“Muito importante e ajuda na renda da casa.”
Agricultora 8	“Ajuda na renda da família, na autonomia financeira, no conhecimento e faço amizades.”
Agricultora 9	“Muito importante, gosto demais da feira e ainda ajudo na renda da família.”
Agricultora 10	“Achei muito boa, porque conheci muitas amigas, vendo a produção.”
Agricultora 11	“Muito importante para ajudar na renda da família e todos da feira se ajudam.”
Agricultora 12	“Contribui para vender a mercadoria por um preço melhor. É mais satisfatório porque você cria um laço com o cliente. É uma feira

	solidária, o que eu não tenho já indico os outros, eu tenho na minha banca os produtos dos amigos." "Antes da feira não tinha para quem vender o excedente da produção."
Agricultora 13	"É maravilhoso. É daqui de onde a gente tira o sustento da família, da feira a Agricultura Familiar começa a ser vista."
Agricultora 14	"Muito importante e ajuda na renda da família."
Agricultora 15	"Porque o que a gente produz traz para vender e isso ajuda muito, não vai vender para atravessador."
Agricultora 16	"É muito importante que não sei nem explicar."
Agricultora 17	"Tem muita importância financeira. Eu moro no campo, dificuldade não falta. Quando a gente vem pra feira eu trago tudo de lá e boto aqui. É muita resistência."
Agricultora 18	"Foi um sonho uma feira. É uma forma de valorizar os produtos da agricultura familiar. Uma forma de dar visibilidade e valorizar o trabalho das mulheres, das mulheres pegarem no dinheiro de sua própria produção. Uma oportunidade de dar vida para as mulheres, de ter seu dinheirinho."

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

No Quadro 5, é possível ter uma noção, aproximada, do valor obtido com as vendas na feira. Das 18 entrevistadas, 4 lucram entre 400 e 600 reais, 7 ficam entre 601 e 800 reais, 2 de 801 a 1.000 reais e 5 falaram que lucram entre 1.001 e 3.000 reais. Ademais, todas as 18 entrevistadas confirmaram destinar o dinheiro para comprar alimentação da família, além de usar para quitar contas de energia e água. Investem ainda na compra de ração para os animais, roupas e medicamentos. Vale destacar que elas comprem alguns alimentos na própria feira como forma de motivar e valorizar a agricultura familiar e o trabalho das agricultoras.

Quadro 5: Renda proveniente da feira e destinação dos rendimentos obtidos.

Entrevistadas	Aproximadamente, qual o apurado mensal com a feira?	O que é possível fazer com o dinheiro que advém da feira?
Agricultora 1	800 reais	"Faço a feira da semana."
Agricultora 2	500 reais	"Faço a feira da semana e compro ração para os animais."
Agricultora 3	700 reais	"Faço a feira da semana."
Agricultora 4	1.500 reais	"Faço a feira da semana e compro algumas mercadorias para produzir alguns dos produtos que vendo na feira."
Agricultora 5	1.300 reais	"Faço a feira da semana, pago água e luz, abasteco o carro e compro ração para os animais."
Agricultora 6	600 reais	"Ajuda a pagar a conta de luz, de água que vem da adutora."
Agricultora 7	700 reais	"Faço a feira da semana e pago algumas contas."
Agricultora 8	500 reais	"Além de comprar produtos para produzir o que vende na feira ajuda no sustento da casa."
Agricultora 9	1.000 reais	"Faço a feira da semana, compro ração para o gado e pago umas continhas."

Agricultora 10	1.000 reais	“Faço a feira da semana, compro ração para as galinhas e compro material para produzir os salgados que vendo na feira.”
Agricultora 11	800 reais	“Faço as despesas de casa.”
Agricultora 12	800 reais	“Compro a verdura e a carne aqui mesmo na feira, eu compro na feira para motivação da própria feira, o dinheiro fica na feira. É meu ato de solidariedade, vendo para o pessoal da feira e gasto na própria feira.”
Agricultora 13	2.800 reais	“Pago a alimentação da família, as contas e a alimentação dos animais.”
Agricultora 14	800 reais	“Pagar a alimentação da família e ração para os animais.”
Agricultora 15	800 reais	“Sou aposentada, mas o dinheiro da feira ajuda muito, dá pra comprar comida, roupa, remédio e dentista.”
Agricultora 16	400 a 500 reais	“É pra feira da gente, que compro na própria feira.”
Agricultora 17	1.500 reais	“Lá em casa é tudo, toda renda vem da feira e da venda ao PNAE, pago alimentação, as contas, roupa e ração. Se não fosse a feira eu estaria na pobreza.”
Agricultora 18	3.200 reais	“É com esse dinheiro que se faz a feira da casa, que se compra tudo. É tudo para o sustento da família. É para manter a produção dos bolos, sacolas, insumos para se manter na feira.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

De acordo com as 18 mulheres entrevistadas, 11 vendem apenas na Feira da Diversidade do Seridó e 7 vendem também em outros locais, como na feira orgânica realizada todas as quintas-feiras em Caicó e também em feiras-livres das cidades vizinhas, como Ipueira, São João do Sabugi e São José do Seridó. Uma das entrevistadas relatou que, igualmente, vende lanches em frente a faculdades em Caicó. Enquanto outras comercializam em suas residências quando há procura e para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

No Quadro 6 é possível observar as mudanças geradas na vida das agricultoras depois que começaram a vender na Feira da Diversidade do Seridó. O mais apontado como melhoria foi a renda familiar, sendo perceptível a alegria delas em dizer que estavam conquistando uma autonomia financeira, além de relatarem terem feito novas amizades e terem adquirido conhecimento na troca de saberes com os fregueses e entre elas mesmas. As mulheres estão ganhando a visibilidade do trabalho que desenvolvem com esse espaço destinado para a venda de seus produtos da agricultura familiar.

Quadro 6: Mudanças advindas com a feira na vida das mulheres.

Entrevistadas	O que mudou depois que passou a vender na feira?
Agricultora 1	“Mudou para melhor, antes as vendas eram poucas e com essa feira aqui a gente está vendendo mais.”
Agricultora 2	“Muito conhecimento com as pessoas e ainda consigo uma renda para ajudar em casa.”

Agricultora 3	“O local da feira é muito bom, vendo tudo que trago, antes quando vendia no Morro da Graça voltava com a produção toda para casa.”
Agricultora 4	“Mudou para melhor, melhorou a renda da família.”
Agricultora 5	“Melhorou muito as vendas aqui onde a feira está localizada.”
Agricultora 6	“Melhorou a renda, dá para contribuir com as contas da casa.”
Agricultora 7	“A gente tem uma renda melhor e conhecimento com as pessoas, fizemos amizades e a troca de informações é muito importante.”
Agricultora 8	“Mudou, ganhei mais conhecimento e divulgação do meu trabalho.”
Agricultora 9	“Mudou para melhor, fiz amizades, ganhei conhecimentos e ajudou a melhorar a renda da família.”
Agricultora 10	“Minha autonomia financeira, tenho meu próprio dinheiro para comprar o que quero, tenho minha independência.”
Agricultora 11	“Mudou muita coisa, a feira é uma terapia.”
Agricultora 12	“Principalmente a alegria, dá uma autoestima perceber que o que a gente produz tem valor. A gente pega no dinheiro do que a gente produz. A gente socializa uns com os outros, com os clientes e com os colegas da feira.”
Agricultora 13	“A organização mudou, a valorização dos nossos produtos ficou melhor.”
Agricultora 14	“Muitas coisas, tem muito conhecimento com o povo, fico se movimentando, conheço pessoas.”
Agricultora 15	“Aqui é maravilhoso demais. É organizado, na sombra. Se não fosse Ana Aline não tinha ido pra frente.”
Agricultora 16	“Mudou muita coisa, consegui muita amizade. É bom demais.”
Agricultora 17	“Ganhei mais sabedoria e conhecimento, a gente aprende a trabalhar com o público.”
Agricultora 18	“A questão da autonomia financeira, de ter o nosso dinheiro pra nos sustentar. Deu muito reconhecimento ao trabalho das mulheres.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Algumas das mudanças apontadas pelas mulheres foi o aumento na venda da produção, o que antes não acontecia, demonstrando a importância de estarem em um espaço que as identifique enquanto agricultoras familiares, trazendo mais visibilidade e proporcionando uma maior procura dos produtos, consequentemente, dando a essas mulheres autoestima de ter sua própria renda. Isso fica evidente no relato de uma das agricultoras, que disse: “Minha autonomia financeira, tenho meu próprio dinheiro para comprar o que quero, tenho minha independência”. Além da conquista de uma renda própria, observam-se mudanças na melhoria na condição de vida dos familiares, pois elas destinam a renda obtida na feira para os filhos e a casa (alimentação e contas), provendo o bem-estar de todos e trazendo satisfação por poder consumir e decidir no que investir sua renda.

Desafios e limitações encontrados pelas mulheres na feira

Quanto às dificuldades e as limitações que essas mulheres enfrentam, foram priorizados questionamentos sobre os desafios com a comercialização, a produção e o apoio da família. Nas dificuldades com a feira foram relatadas situações como: falta de tempo para aumentar a produção por ter que conciliar com os trabalhos domésticos; transportar a produção até a feira; ter que acordar às 2 horas da madrugada ou até antes; falta de compromisso de algumas pessoas

em cumprir as regras da associação; falta de segurança no espaço da feira e de incentivo por parte do poder público, conforme relatos inseridos no Quadro 7.

Quadro 7: Dificuldades mencionadas pelas mulheres relacionadas à feira.

Entrevistadas	Qual a principal dificuldade relacionada a feira?
Agricultora 1	“Por enquanto não tenho nenhuma dificuldade.”
Agricultora 2	“A dificuldade é pelo espaço da feira estar sendo usado na semana pelo pessoal do açougue, o que deixa o espaço com mal cheiro.”
Agricultora 3	“Nenhuma dificuldade.”
Agricultora 4	“Não tenho nenhuma dificuldade.”
Agricultora 5	“Não tenho dificuldades para vender na feira o que trago, vendo.”
Agricultora 6	“Às vezes as vendas são fracas, ter que acordar muito cedo e o transporte para chegar até a feira é difícil.”
Agricultora 7	“Antes da cobertura da feira era muito quente, mas hoje em dia está muito bom.”
Agricultora 8	“Não achei nenhuma dificuldade.”
Agricultora 9	“Não encontro nenhuma dificuldade, a nossa feira é muito organizada, estamos de parabéns.”
Agricultora 10	“Algumas pessoas não querem cumprir as regras da associação, falta segurança na feira, pois chegamos de madrugada e não vemos nenhum policiamento e a falta de respeito de algumas pessoas como uma vez que derrubaram as nossas bancas.”
Agricultora 11	“Por enquanto não tenho nenhuma dificuldade.”
Agricultora 12	“Não tem muita ajuda governamental. É um absurdo pagar um imposto pra prefeitura, pagamos 24 reais de imposto, eu acho injusto ter que pagar para trabalhar. Era pra ser o contrário, a prefeitura que tinha que investir na nossa produção. Não tem segurança, já teve caso de furtos de lonas e materiais.”
Agricultora 13	“Depois que foi implantado essa feira melhorou muito, não tem muita dificuldade não.”
Agricultora 14	“Às vezes não tem como trazer as mercadorias.”
Agricultora 15	“Não tenho dificuldade.”
Agricultora 16	“Acordar de 2h da madrugada para ir pra feira.”
Agricultora 17	“Não tem, o local é perfeito.”
Agricultora 18	“É montar um padrão de organização, de padronização da própria feira.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Já as dificuldades com a produção, destacadas no Quadro 8, são variadas. Dentre as situações mencionadas pelas mulheres, estão: a falta de água ou a má condição da água em suas comunidades, dificultando a produção dos cultivos; conciliar a tripla jornada de trabalho, como as tarefas de casa, roçado e cuidados com os filhos, faltando muitas vezes a ajuda no processo de produção do que se comercializa; a falta de insumos para serem feitas as mercadorias, por ser caro ou não ser época de safra, como algumas frutas.

Quadro 8: Dificuldades relatadas pelas mulheres para produzir.

Entrevistadas	Quais as principais dificuldades enfrentadas com a produção?
Agricultora 1	“Enfrentamos dificuldade com a falta de água ou a má condição da água e muitas pragas na plantação.”
Agricultora 2	“Só trabalho muito, mas é gratificante.”
Agricultora 3	“Dificuldade de pouca água ou a má condição da água.”

Agricultora 4	“Trabalho sozinha, ninguém me ajuda.” A família não ajuda na produção dos produtos para serem vendidos na feira.
Agricultora 5	“A dificuldade atual é a temperatura que está muito quente e queima as hortaliças, possuímos um poço e a vazão de água é boa.”
Agricultora 6	“Comprar o leite para fazer os doces e me queimar quando estou na produção dos filhós e do doce.”
Agricultora 7	“Não temos dificuldades e temos um poço, o que facilita bastante.”
Agricultora 8	“A falta de alguns produtos para produzir meus doces, pois algumas frutas dependem das estações.”
Agricultora 9	“Não tenho dificuldades em produzir.”
Agricultora 10	“Falta tempo para aumentar minha produção porque tenho que conciliar vários serviços como por exemplo os serviços de casa.”
Agricultora 11	“Não encontro dificuldades.”
Agricultora 12	“É em tudo, é a água que não tem. Minha cisterna está há um mês sem água. A adutora e os poços secaram e o município não chega lá. É uma falta de assistência do poder público pra poder produzir.”
Agricultora 13	“Falta tempo, porque pra fazer uma produção de boa qualidade precisa tempo. A alimentação dos animais é difícil, porque a ração é cara demais e incentivo a gente não tem.”
Agricultora 14	“Água principalmente, que não é suficiente e chega a faltar.”
Agricultora 15	“Falta de água, não tem água para produzir, essa é a principal dificuldade.”
Agricultora 16	“A maior dificuldade é a água, não tem água nos poços, mas chovendo tem de tudo. Sem água não tem como produzir.”
Agricultora 17	“Água, solo fraco, ração cara, não tem apoio nenhum. Nem água a prefeitura tá mandando.” “Sem água não tem feira e sem feira não tem alimento.”
Agricultora 18	“Falta de tempo, tudo na correria. Falta de valorização por parte dos clientes, as vezes isso dói na gente.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A respeito do apoio e colaboração da família (Quadro 9), tanto para produzir quanto para comercializar na feira, 14 agricultoras disseram que os cônjuges e os filhos colaboram e apoiam, 1 das entrevistadas falou ter o apoio dos filhos e 3 relataram não contar com apoio da família, ficando sobrecarregadas. O apoio da família é muito importante na construção do empoderamento das mulheres e do fortalecimento da economia solidária. Quando a atividade delas é na agricultura, que já é uma atividade exaustiva, ter a contribuição para produzir, seja com os cultivos ou produtos processados, faz uma grande diferença, diminuindo a sobrecarga de trabalho. Assim como o auxílio para vender e transportar as mercadorias até a feira, sendo de extrema importância a colaboração de todos da família, pois na maioria dos casos as mulheres não sabem dirigir ou não possuem transporte apropriado para tal serviço.

Quadro 9: Apoio da família às mulheres para comercializar na feira.

Entrevistadas	Tem apoio da família para vender na feira?
Agricultora 1	“Tenho apoio da família e me ajudam a vender na feira.”
Agricultora 2	“Tenho apoio da família.”
Agricultora 3	“Alguns filhos ajudam, mas minha filha não gosta que eu venda na feira e até já me pediu para parar de vender.”
Agricultora 4	“Não.”
Agricultora 5	“Tenho apoio da família tanto para produzir quanto para vender.”

Agricultora 6	“Não tenho apoio da família.”
Agricultora 7	“Tenho apoio da família e me ajudam a vender na feira.”
Agricultora 8	“Meu esposo me ajuda no transporte dos produtos para a feira.”
Agricultora 9	“Tenho apoio da família e me ajudam a vender na feira.”
Agricultora 10	“Trabalho sozinha.”
Agricultora 11	Tenho apoio da família e me ajudam a vender na feira.”
Agricultora 12	“Tenho ajuda na produção, do marido e do filho, mas para vender, vendo sozinha.”
Agricultora 13	“Sim, o esposo está junto.”
Agricultora 14	Sim, vende com o esposo e os dois filhos que ajudam a produzir e a vender.
Agricultora 15	“O filho vem, mas vendo só, mas para produzir o filho e o marido ajudam.”
Agricultora 16	Sim, vende com o filho e o marido ajuda na produção.
Agricultora 17	Tem apoio total, vende com o filho e o marido ajuda na produção.
Agricultora 18	“É a família que trabalha produzindo. A feira é para a família, da agricultura familiar.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O apoio tanto dos familiares quanto das mulheres que compõem a AMFDS, bem como de todos os sujeitos inseridos no contexto da Feira da Diversidade do Seridó, tendo a preocupação de se ajudarem a fim de crescer, aprender e se desenvolver, está pautado no princípio da solidariedade e na valorização social, basilares para o fortalecimento da economia solidária. Viver em um contexto de relações de solidariedade faz-se necessário na construção da economia solidária, sendo um diferencial à lógica capitalista que visa apenas a acumulação de riquezas. Mesmo algumas mulheres não tendo o apoio da família, elas têm encontrado na economia solidária alternativas e possibilidades de melhoria de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou evidenciar o protagonismo das mulheres agricultoras que comercializam na Feira da Diversidade do Seridó, centradas na prática da economia solidária com a perspectiva de dar autonomia e visibilizar o seu trabalho. As mulheres lutaram por esse projeto e não descansaram até conseguir sua implementação. A feira gera uma rede de amizades, conhecimentos e geração de renda na venda de seus cultivos diversificados, produtos derivados desses cultivos e oriundos da criação de animais.

Baseado na pesquisa realizada, percebe-se que a Feira da Diversidade do Seridó é muito importante na geração de renda para as camponesas, como também na valorização, socialização, fortalecimento, reconhecimento e visibilidade de seu trabalho. Segundo Oliveira (2004), o movimento da economia solidária e a visão de gênero são dois elementos importantes para se construir um desenvolvimento efetivo. Os princípios que norteiam a economia solidária são capazes de estabelecer relações participativas e inclusivas nos empreendimentos solidários.

A Feira da Diversidade do Seridó está sendo realizada há pouco anos e já se mostra muito importante para a autonomia financeira das mulheres agricultoras do Seridó e do grupo familiar, pois elas foram unânicas em dizer que os rendimentos obtidos na feira são utilizados para fomentar a renda da casa, ou seja, da família. A feira se torna um espaço de resistência e

solidariedade onde mulheres aguerridas lutam por qualidade de vida, reconhecimento e políticas públicas.

Ressalta-se, neste contexto, a considerável importância da AMFDS enquanto instrumento de organização da feira e luta pelo direito das mulheres. Apesar disso, diante dos dados levantados, faz-se necessário que para além das vivências em economia solidária que as mulheres têm, sejam aprofundados os conhecimentos com capacitações, rodas de conversa, entre outras iniciativas formativas, propostas pela própria associação.

Para concluir, espera-se que este trabalho possa nortear novas pesquisas sobre a Feira da Diversidade do Seridó, como também outros estudos voltados para a participação de mulheres agricultoras em empreendimentos solidários, para que ocorram mais ações governamentais de incentivo à produção da agricultura familiar e ao fortalecimento da economia solidária, através da valorização do trabalho e da luta das mulheres.

REFERÊNCIAS

ABREU, Sergio Arcas de; OLIVEIRA, Ana Luíza Matos de. Contribuições teóricas e práticas da economia feminista à economia solidária. **CODAS**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 25-40, 2020.

ALEIXO, Anabela Silva Marques Duarte. **Da economia social para a economia solidária**. 2014. 92 f. Dissertação (Mestrado em Economia Social e Solidária) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2014.

BONUMÁ, Helena. **As mulheres e a economia solidária: a resistência no cotidiano tecendo uma vida melhor**. 2015. 97 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

COSTA, Jussara Carneiro. Mulheres e economia solidária: hora de discutir a relação! **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 19-27, 2011.

FARIA, Nalu. Mulheres rurais na economia solidária. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (Org.). **Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: MDA, 2011. p. 37-54.

LEAL, Kamila Soares; RODRIGUES, Marilsa de Sá. Economia Solidária: conceitos e princípios norteadores. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 5, n. 11, p. 209-219, 2018.

MENDONÇA, Débora Fonseca; FILIPE, Oswaldo Azevedo; LIRA, Rodrigo Anidro. Empreendimentos de Economia Solidária – alternativa de socialização e renda da mulher. **Perspectiva Online**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 14, p. 53-68, 2010.

MIRANDA, Cynthia Mara. Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil. **Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 15, n. 1, p. 347-385, 2015.

NOBRE, Miriam. Mulheres na economia solidária. In: CATTANI, Antônio David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, p. 205-211, 2003.

OLIVEIRA, Adriana Lucinda de. **O processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de Economia Solidária**. 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

OLIVEIRA, Maurício Souza; LIMA, José Raimundo Oliveira. Feiras livres: uma manifestação natural e espontânea de economia popular e solidária. *In: SEMANA DE ECONOMIA DA UESB*, XV, **Anais...** p. 1-18, 2017.

PEREIRA, Genilda Sales da Silva. **Grupo Mulheres Idealistas: economia solidária e contribuições para o município do Congo/PB**. 2013. 36 f. Monografia (Tecnólogo em Gestão Pública) – Universidade Federal de Campina Grande, Sumé, 2013.

PITAGUARI, Sinival Osorio; SANTOS, Luis Miguel Luzio dos; CAMARA, Marcia Regina Gabardo da. Panorama da Economia Solidária no Brasil. *In: PITAGUARI, Sinival Osorio; LANZA, Liria Maria; CORDEIRO, Sandra Maria (Org.). A sustentabilidade da economia solidária: contribuições multidisciplinares*. Londrina: UEL, 2014. p. 33-62.

RUBIM, Amanda Olímpio; NEY, Vanuza da Silva Pereira. A participação da mulher na economia solidária: uma análise a partir da desigualdade de gênero no Brasil. *In: SEMANA DE ECONOMIA*, II, **Anais...** p. 23-24, 2022.

SANTOS, Graciete. Economia solidária e feminista: um encontro possível. **Mulheres e Cidadania**, Recife, n. 5, p. 69-90, 2009.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. Economia solidária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008.

SINGER Paul; SOUZA, André Ricardo de (Org.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

SILVA, Raquel Nunes. **Feira de agricultura familiar e economia solidária: implementação, desenvolvimento e situação de (in) segurança alimentar e nutricional das famílias expositoras**. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

SILVA, Roberto Marinho Alves da; SILVA, Ronalda Barreto. Políticas públicas de economia solidária na América Latina: dilemas e perspectivas. **Sociedade e Território**, Natal, v. 34, n. 1, p. 52–70, 2022.